

TIRO E VIOLÊNCIA EM HOSPITAIS LEVAM TERROR E PÂNICO A PESSOAL DA SAÚDE

O quadro é assustador, mas gestores tiram por menos e tentam omitir a tragédia. No Hospital Zé Franco, ainda restam marcas de balas do pedreiro que tentou matar uma médica



■ Susto, terror e tiros se misturaram à agonia de pacientes desesperados dentro do Hospital Regional José Franco, no Município de Nossa Senhora do Socorro, vizinho à Capital. Em pânico, todos corriam pelas alas da instituição durante a madrugada do dia 19 de outubro de 2013, tentando compreender de onde vinha o barulho ensurdecedor.

Com revólver em punho, um homem desferiu tiros contra a médica Mariana, que horas antes havia negado um simples atestado médico. Ameaçada física e verbalmente, Mariana é mais um número nas estatísticas de violência deliberada e escrachada contra profissionais da Saúde que colocam em risco vidas. Uma violência que é, diariamente, subestimada por gerências e supervisores que escondem dentro das paredes das próprias instituições.

Recentemente, cenas de barbárie também tomaram conta do Hospital de Urgência de Sergipe - Huse. De lá, o Cinform recebeu o seguinte relato: "Dois detentos foram vistos por um médico entrando em uma sala de medicação. Um dos policiais saiu da sala vigiada, deixando apenas o outro colega para observar os detentos. Neste momento, um dos detentos simulou um mal-estar. E o outro tentou pegar a arma do policial", diz o relato.

E continua: "Mesmo com o policial conseguindo manter o controle e conter os detentos, a situação criou a mais extrema desordem. Funcionárias desesperadas tentavam, em vão, sair da sala. Chegaram mais policiais e vigilantes. De repente, ouviram um disparo dentro da sala. Era uma bala de borracha que tinha sido atirada no detento. Por isso, os profissionais do Huse estão pedindo para sair da Ala Azul por causa dessa falta de segurança de sempre. Eles já não suportam a tensão vivida".

SIPE
DE JUSTIÇA
COMUNICAÇÃO
ORNALIS

No geral, falta material e insumos básicos, sobra superlotação e há a deficiência da Rede Municipal. Somado a isso, o comportamento de gestores termina impedindo, assim, aos profissionais que cuidam da saúde alheia de cuidar da sua própria, como bem revela a presidente do Conselho Regional de Enfermagem - Coren/SE - Gabryella Garibalde Santana.

"Os profissionais não nos contam. Ficamos sabendo das ameaças no Zé Franco pela televisão. E eram medidas simples que, se tomadas a tempo, o Conselho nem precisaria ter pedido a interdição do hospital, como ocorreu recentemente", ressalta.

Gabryella alega que os profissionais têm medo de falar. E, quando o fazem, são sempre vigiados por supervisores, gerentes, administradores que não zelam pelo bem-estar do profissional, tampouco o incentivam a reivindicar direitos. "Eles (gestores) querem preservar uma imagem que não existe. O profissional não tem a cultura de denunciar e sofre calado".

De acordo com o Governo Federal, o Brasil tem 1,83

médico para cada mil habitantes, sendo que esse índice em Sergipe é de 1,3. No caso de Mariana, o transtorno começou ainda na tarde de sexta-feira, dia 18, quando o padeiro José Ferreira André Júnior, de 26 anos, insatisfeito após negação de atestado que o permitiria faltaria ao trabalho, xingou, esbravejou, ameaçou e atirou.

Após dois meses, as marcas da agressão sofrida pela equipe de plantão e pela médica Mariana ainda permanecem ali, como as portas de vidro sem vidro - forradas e estilhaçadas pelos balaços - assim permanecem. Naquele momento, Mariana nem prestava queixa. Ela cumpria todo o plantão.

Mas o trauma a lesou de tal maneira que a médica desistiu de Aracaju e voltou para a cidade de onde veio conforme contou na semana passada uma funcionária administrativa do José Franco. "Ela disse que é mais seguro morar em São Paulo do que em Sergipe".

Após a saída de Mariana, cinco outros médicos permaneceram demissão. O caso Mariana rendeu uma denúncia coletiva, abaixo-assinado e inquérito policial. Mas as agressões ali não pararam. Usuários de drogas acabam morrendo dentro do hospital. Neste curto espaço de tempo, um paciente foi "resgado" de lá de dentro.

Para esse caso, familiares chegaram no hospital e mandaram o auxiliar de Enfermagem tirar todos os tubos de medicação ligados ao corpo do homem. "Tudo dele, que a gente levá-lo agora. E tire logo porque senão não vai ficar vivo".

bom para você”, relatou à presidente do Coren um dos profissionais que assistia o paciente.

Mas as humilhações vão bem além, como a sofrida pelo médico ginecologista e obstetra Valter Andrade, em 2005, na antiga Maternidade Hildete Falcão Batista, e podem marcar para sempre a vida de um profissional.

Valter foi coagido e algemado em frente à maternidade pelo sargento PM Messias, por ter se recusado a fazer um procedimento médico não necessário em favor da esposa do policial. Como se vê, coação, abuso de poder e desinformação, somados à ineficiência do Sistema Único de Saúde - SUS -, transformam hospitais em campos de combate.

CENTENAS DE BOS

O Hospital José Franco é o primeiro da lista no ranking das agressões. Localizado em uma área carente de Segurança, ele representa o que há de mais falho no sistema de Segurança das instituições em Sergipe (e no Brasil) e coloca em xeque gerências, administrações, profissionais, SSP e todo o Sistema Único de Saúde - SUS. Apesar disso, está, infelizmente, longe de representar um caso isolado.

Depois dele, vem o Nestor Piva, aqui em Aracaju, o Hospital de Lagarto e a Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, também na Capital. Em Aracaju, existem 40 postos de Saúde, Caps e hospitais. No Hospital de Urgência de Sergipe - Huse - (antigo João Alves), há

cerca de 900 profissionais de Enfermagem (técnicos, auxiliares e enfermeiros).

Gabryella Garibalde diz que, se todos os profissionais resolvessem denunciar, se houvesse uma queixa registrada em delegacias a cada dia por apenas uma dessas unidades de Saúde, haveria centenas de Boletins de Ocorrência.

“Quem mais sofre são os que estão na linha de frente. Postos de assistência primária fecham as portas mais cedo, com medo da violência. No sistema Judiciário é difícil de entrar. Mas qualquer um entra em um hospital. Não há barreiras”, relata Gabryella.

RESGATE DE PACIENTE

Cães nas portas das enfermarias também servem para amedrontar os trabalhadores da Saúde. Não raro, familiares de pacientes, segurando cachorros pelas coleiras, ameaçam enfermeiros, obrigando-os a atender rapidamente.

Uma das últimas ameaças físicas foi a tentativa de tirar médicos de dentro de hospitais e levá-los para as ruas, para realizar o trabalho do Samu, quando uma senhora, no último mês de dezembro, teve a perna dilacerada em frente a um ponto de ônibus, ali nas proximidades do hospital.

Medidas paliativas - e simples - minimizaram o medo no Hospital José Franco. O

diretor-técnico da Fundação Hospitalar de Saúde - FHS -, Marco Sarmento, esclarece que a SSP está patrulhando a região diariamente com um posto-base, que significa um carro da PM que fica na porta ou nas imediações.

Depois do caso da médica Mariana, o Ministério Público do Estado de Sergipe - MP/SE - também entrou com uma ação para que a FHS aumentasse a segurança interna do local, contratando mais profissionais de Segurança Particular.

Para a vice-presidente do Conselho Federal de Enfermagem - Cofen/SE -, Irene Ferreira, a maioria dos casos de agressões atinge o profissional de Enfermagem. “Toda a frustração do paciente ou dos familiares por causa do atendimento, porque não se resolveu o problema, desconta-se no enfermeiro”.

PÓS-CHACINA

O Huse, por ser de urgência e ainda o maior do Estado, só teve a violência contida após a instalação de um posto Policial fixo em frente à portaria. A medida foi tomada após um caso similar ao da médica Mariana, do Zé Franco, mas com desfecho trágico.

No dia 27 de abril de 2012, Ginaldo Alves de Souza, Genilson Alves de Souza, Ralf Monteiro e o soldado Gean entraram no hospital e assassinaram três pacientes:

Márcio Alberto Santos, Cleudson dos Santos e Adalberto Santos Silva. Na época, os quatro foram indiciados por triplo homicídio.

INOPERÂNCIA

O vice-presidente do Conselho Regional de Medicina - Cremese/SE -, o anesthesiologista Ricardo Scandian de Melo, vê na inoperância do SUS a explicação para a violência. “Há uns dez anos, Sergipe deixou de realizar o importante e só fez o urgente. Os postos de Saúde não funcionam. Cadê as 102 clínicas da família construídas no Estado? Estão em funcionamento? Hoje, temos infraestrutura, mas não temos assistência básica. Então, todo mundo vai parar no Huse, porque não há atendimento nos postos”.

Ricardo argumenta que a figura do médico é posta para a população como a causadora de todo o mal da precariedade do SUS. Revela que os contratos com os profissionais são “de boca”. “Não há planos de carreira, não há contratos, te ligam e te chamam. Depois de alguns meses, começam os atrasos, não pagam. Que profissional quer trabalhar assim?”.

O anesthesiologista defende a saúde primária como método de prevenção e de política pública de contenção de custos, que acarretaria em uma diminuição da violência das unidades de Saúde. Pois, sem pacientes hipertensos ou infectados por falta de saneamento básico nas cidades ou lesionados por traumas em acidentes de trânsito, a superlotação seria minimizada e o custo das Unidades de Tratamento Intensivo - UTIs - se reduziria.

E cita números. “A diária de uma UTI no SUS para pacientes cardíacos, por exemplo, sai em média de R\$ 4 mil para o Estado. No Huse, 95% dos atendimentos são de jovens e adultos, de 15 a 40 anos, acidentados por motocicletas e alcoolizados. Hoje, a moto se tornou uma arma. Hoje, a diversão não é com a bebida, a diversão é bebida em si. Se é sexta-feira, é dia de beber”.